

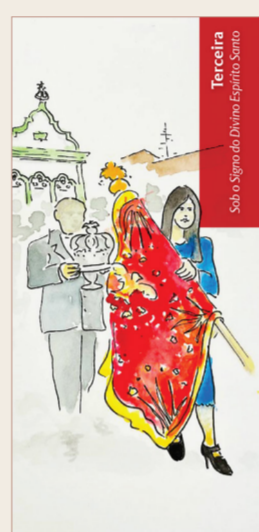


## Explore o mesmo tema noutras ilhas dos Açores

### ARQUIPÉLAGO DOS AÇORES



6 ilhas têm disponível um roteiro sobre este tema, conheça as nossas tradições.



## Vivenciar o culto ao Divino Espírito Santo

Segundo as crónicas, as Flores, foram descobertas, em 1452, por Diogo de Teive, que regressava de navegações a Oeste e já as outras ilhas estavam a começar a ser povoadas. Foi difícil o estabelecimento de gente, num território belo, mas agreste, e onde o quotidiano nunca foi fácil. As vivências relacionadas com o Divino Paráclito, para além do tronco comum, perfeitamente reconhecível, tomaram assim alguns aspectos próprios, como um, especialmente tocante, que é a forma como os povoados estabelecem o convívio com o Divino. O Espírito Santo, Deus sob a invocação da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade cristã, mora aqui, ao redor da ilha, em casas quase iguais a todas as outras, apenas marcadas pela coroa no alçado voltado à rua. Deste modo Deus mora ao lado de todos, numa enorme vizinhança e como que partilhando as agruras e momentos melhores com o resto do povo. Assim sendo, é mesmo importante passar pela ilha durante

o tempo próprio, entre os Domingos de Páscoa e da Trindade, se se quiser perceber o que é isto de viver rodeado de mar, de tempestades, de ventos e de momentos de nascer e pôr do Sol belíssimos, tendo Deus por vizinho. A gente daqui, decididamente, entende que, durante o tempo do Espírito Santo, a vida tem de ter outras cores e outro ânimo. Os Foliões, pilares importantíssimos da Festa, estão aqui bem vivos e são respeitados, marcando os momentos com um cantar que ressoa ao renascimento e recorda os tempos medievais. O vinho, que tem de vir de fora porque o clima da ilha não permite os vinhedos, mistura-se com chá e o sabor do convívio aparece. A carne assada é de tacho e o Pão Adubado ou Massa Sovada leva noz-moscada, raspa de limão e canela, coisa que noutras ilhas não acontece. Enfim, se conseguir estar na ilha nesse tempo e participar numa ou várias "Alvoradas", que agora são ao anoitecer por conveniência das gentes, perceberá o que aqui fica dito.



### FOLIÕES

Durante séculos, os Foliões fizeram parte integrante da Festa. Não apenas das do Espírito Santo como também de outras festividades religiosas, como a própria procissão do Corpo de Deus. Contestados, talvez porque demasiado alegres, foram sendo afastados do palco central, devendo, por exemplo, a partir de determinado momento da História e por ordem do Bispo, conservar-se ao fundo da Igreja. A ilha das Flores é a ilha, digamos, onde os Foliões estão mais vivos e autênticos, garantindo os rituais e acompanhando todos os momentos relevantes dos festejos. Não sendo fácil ouvi-los fora de contexto, vale a pena tentar. O som do bombo, dos testos e do canto ficarão longo tempo na sua memória.

## Impérios das Flores

Impérios dedicados ao culto do Divino Espírito Santo assinalados no mapa.

1. Casa do Espírito Santo da Terra Chã - Ponta Delgada
2. Casa do Espírito Santo das Casas de Baixo - Ponta Delgada, Flores
3. Casa do Espírito Santo das Crianças - Ponta Delgada
4. Casa do Espírito Santo da Cruz - Ponta Delgada, Flores
5. Casa do Espírito Santo da Ponta Ruiva
6. Casa do Espírito Santo da Fazenda de Santa Cruz
7. Casa do Espírito Santo do Monte de Santa Cruz
8. Casa do Espírito Santo de Santa Cruz
9. Casa do Espírito Santo da Ribeira dos Barqueiros
10. Casa do Espírito Santo da Boavista
11. Casa do Espírito Santo da Caveira
12. Casa do Espírito Santo da Lomba
13. Casa do Espírito Santo da Fazenda

14. Casa do Espírito Santo das Lajes
15. Casa do Espírito Santo dos Morros
16. Casa do Espírito Santo do Monte
17. Casa do Espírito Santo do Mosteiro
18. Casa do Espírito Santo do Lajedo
19. Casa do Espírito Santo da Costa do Lajedo
20. Casa do Espírito Santo da Cuada
21. Casa do Espírito Santo do Outeiro
22. Casa do Espírito Santo do Rossio - Fajãzinha
23. Casa do Espírito Santo de Cima - Fajã Grande
24. Casa do Espírito Santo de Baixo - Fajã Grande
25. Casa do Espírito Santo da Ponta da Fajã - Fajã Grande



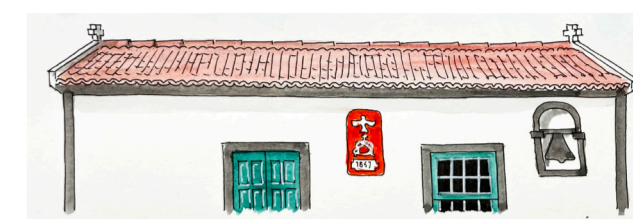
Correspondência dos Açores para os EUA.  
12-JUL-1891 | Lages das Flores



Localização de todos os Impérios no Explore Flores



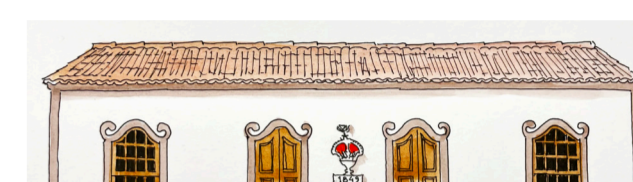
Casa do Espírito Santo do Lajedo



Casa do Espírito Santo da Cuada



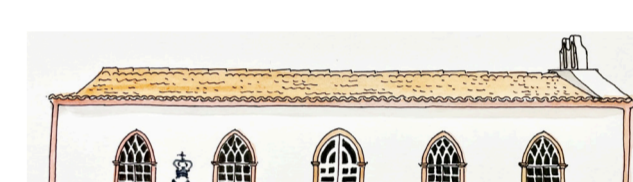
Casa do Espírito Santo das Lajes



Casa do Espírito Santo de Santa Cruz



Casa do Espírito Santo do Monte



Império do Espírito Santo da Terra Chã, Ponta Delgada



### PÃO ADUBADO OU MASSA SOVADA

Nas Flores chamam-lhe Pão Adubado ou Massa Sovada e, a confirmar o enriquecimento, na receita da ilha, além de levar farinha de trigo, açúcar, leite e ovos, acrescentam-lhe noz-moscada e raspa de limão, havendo, também, quem ponha canela. Fora do tempo do Espírito Santo não será fácil encontrar, mas pode-se tentar encontrar - e comprar - na "casa dos Cedros", estrutura ligada à Santa Casa de Santa Cruz, Panificação Artesanal Elisa Ramos Inocência (Lomba) e Pastelaria Rosa (Lomba).



### SOPAS E CARNE ASSADA

Sopas e Carne Assada são, a par da Carne cozida e do Arroz-Doce, os pratos típicos do tempo do Espírito Santo. Nas Flores o processo é mesmo destinado a deliciar o paladar. A carne é posta em vinha de alhos, que leva alhos, cominhos, Jamaica, malagueta da terra, vinho e água. Vai a rosar em banha, antes de passar ao tacho onde é posta a assar, com cebola "rosada" em banha. As sopas são feitas com carne de vaca, podem levar um naco de toucinho cru, não fumado, ou pacote de manteiga, coisa que está a cair em desuso e um pequeno molhe de couves. São temperadas com cebola, alho, cominhos moídos e em grão, que vão todos juntos, dentro de um saco de pano, para os vestígios não contaminarem o caldo. O pão é de trigo, como não poderia deixar de ser. Como lhe dirão, o sabor será diferente, se estes pratos forem consumidos fora do tempo do Espírito Santo, mas vale a pena tentar, junto de algum restaurante ou lugar onde se coma.

### VINHO DA ALVORADA

O vinho não se produz na ilha das Flores. É comprado fora. Durante o tempo do Espírito Santo, em alguns lugares, mistura-se com chá preto e adoça-se, sendo servido nas "Alvoradas", requintado momento típico dos festejos, na ilha das Flores. Na Terça-feira, Quinta-feira e Sábado, da Semana da Festa, a última do tempo do Espírito Santo, acontecem estes encontros, ao anoitecer, com foliões, instrumentos e cantos, junto e dentro das Casas do Espírito Santo. Dantes eram ao amanhecer, daí o nome, hoje nem tanto. Embora a vida corra com muito mais desafio, presentemente, continuam a celebrar um tempo especial de alegria, partilha, convívio e agradecimento, que se quer diferente do resto do ano.



### O PARÁCLITO

Paráclito deriva do grego parákletos, que quer dizer aquele que ajuda, conforta, anima, protege, intercede. É o título dado, habitualmente, à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade Cristã: o Senhor Espírito Santo, como lhe costumamos chamar, nos Açores e é assim que Ele é visto, nestas ilhas.

Os açorianos recorrem a Ele sobretudo em busca de ajuda e ânimo. Porque alguma doença visitou o lar, a vida não corre bem, em tempo de terramotos ou guerra, quando, perante adversidades em demasia, as forças tendem a faltar. Não é entregar-se, é pedir ajuda! O que é bem diferente e faz todo o sentido a quem mora no meio do oceano, às vezes tempestuoso e agreste.

Desde logo temos as festas que, resumindo, se poderá dizer que são momentos de encontro, de partilha, de irmandade, de alegria e de paz, celebrando-se, todos os anos, entre o Domingo de Páscoa e o Domingo da Trindade, oito semanas depois, recordando, como nos tempos medievais, que todos são dignos de Misericórdia, todos são pobres e merecedores de esmola, todos merecem, ao menos uma vez por ano, ter mesa farta e alegre.

Com origens na Itália medieval, as festividades e o culto em honra do Divino chegaram a Portugal ainda nos tempos da primeira dinastia, envolvendo, segundo a tradição, a Rainha Santa Isabel, mulher de D. Dinis. As navegações oceânicas portuguesas trouxeram este culto até as ilhas atlânticas e, desde então, aqui floresce, tendo acompanhado as rotas de emigração açoriana para o Maranhão e Sul do Brasil, para os Estados Unidos, Bermuda e Canadá.

Todas elas implicam, em termos de ações com visibilidade pública, um Peditório e recolha de bens; uma semana de reza do Terço, seja no edifício do Império seja na casa de um irmão que recebeu, em sortes, o direito de ter a Coroa, entronizada em altar, na sua casa; a Coroação e cortejo - momento supremo; uma refeição festiva - a Função, e um Bodo ou dádiva de esmolas de alimentos.

Para apoiar tudo isto são dezenas e dezenas de edifícios onde o império imaterial do Paráclito assenta a sua presença física nas comunidades e há uma variada alimentação ritual associada, com sopas, cuja receita difere de ilha para ilha, alcatra, carne guisada, arroz-doce, alfenim, e uma multiplicidade assinalável de peças de leite, de água ou de massa cevada, de rosquilhas, de bolos de véspera com lindas marcas, etc.

O apego ao Senhor Espírito Santo, enquanto conforto e arrimo, derramou-se, porém, ao longo dos séculos, por imensos e variados aspetos da vida, nas ilhas dos Açores.

Em resultado deste modo de sentir, fortemente comunitário e solidário, existem fortalezas, ruas, hospitais, esculturas e talha esculpida, coroas de prata e alfaías, peças de cerâmica decorativa, embarcações e navios, nomes de lugares e de povoados, memórias e histórias, contadas de geração em geração.

O claro tronco comum, apesar da variedade de costumes entre as ilhas, apenas serve para salientar que se trata de um sentimento profundamente unificador e marcante na identidade dos açorianos, cujo fio vale a pena seguir, percorrendo estas ilhas e lugares.

Explore FLORES AÇORES



## O nicho da coroa, Fajã Grande

Como escreveu Vitorino Nemésio, a História dos Açores é feita, em boa metade, por relatos de sismos e enchentes. Nas Flores, a Ponta da Fajã Grande é atreita a problemas vários. Há anos, aconteceu uma tempestade, com enxurrada, na zona da Ponta da Fajã. Tudo em volta derrocou, excepto o local deste nicho especial, junto do caminho. Como em muitos outros casos, nos Açores, o acontecimento ficou tido como mais um "milagre do Senhor Espírito Santo" e, desde então, fala-se da catástrofe que poupou o altar. Por aqui se fazia o abate e o reparit dos animais do Espírito Santo, rara ocasião de carne e de abundância, e a Coroa era colocada aqui, durante os trabalhos. Como agora é tudo feito no matadouro ficou a memória e o nicho, reutilizado com outras devoções.



## Casa do Espírito Santo da “aldeia da Cuada”, Cuada

Abandonado o povoado, na década de setenta do século XX, sobretudo por via da emigração, os irmãos, que agora habitam outros lugares, ainda se reúnem ali e celebram os festejos do Divino, guardando, depois, as coisas até ao ano seguinte, antes de irem embora. Vêm de longe, às vezes de onde moram, na América do Norte, para cumprir promessas, recordar coisas, reavivar a identidade. Como quase todas as outras, da ilha das Flores, esta é uma casa como as outras, da freguesia, apenas distinguida pela coroa, na fachada.



## A “ressaca” da Fajãzinha, Fajãzinha

Nem sempre o Espírito Santo é tema de paz, como deve. Em 1875 ocorreu um dos mais graves desastros de que há memória. Ao tempo, a Irmandade da Fajãzinha tinha-se dividido em duas, e a mais nova recebera, recentemente, a aprovação dos Estatutos. Aproveitando isso, os “cabeças” dessa facção elegeram mórdomo e pretenderam tomar posse da casa, coroa e alfaias, o que o outro grupo negou. Gerou-se uma enorme briga, que envolveu os órgãos da paróquia e da administração civil, até que o Administrador do Concelho das Lajes teve de pedir ao Governador Civil do Distrito da Horta o envio de uma força de pelo menos vinte militares bem disciplinados, para acalmar os ânimos. A questão foi parar aos tribunais e o Bispo ordenou ao pároco que não abençoasse nem coroa-se ninguém, enquanto as duas irmandades não se voltassem a reunir fraternalmente.



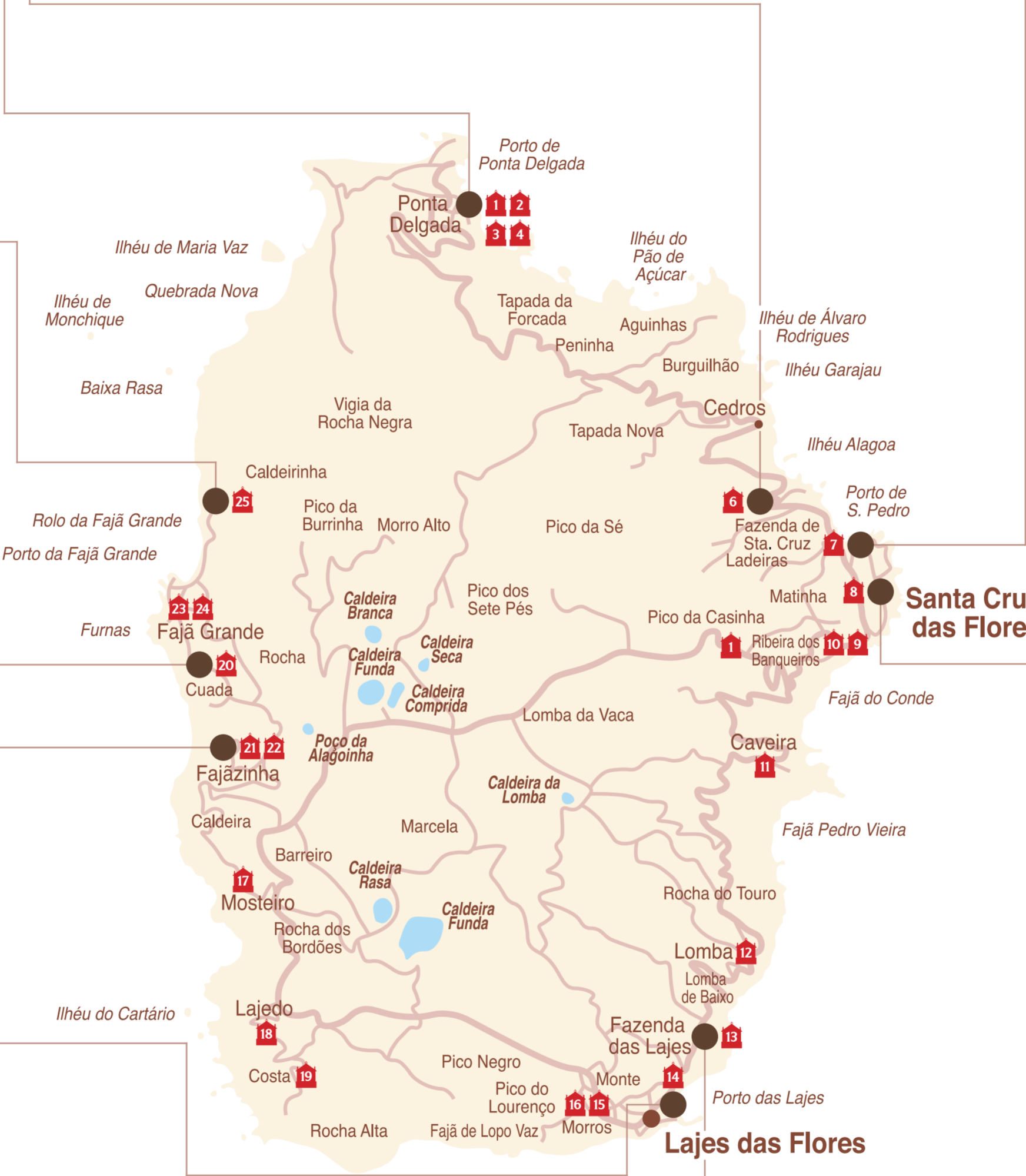
## O Espírito de Deus como vizinho, Ponta Delgada

As Casas do Espírito Santo, nas Flores e Corvo, são diferentes das de outras ilhas. Como que desejando confundi-lo com a comunidade e aproximá-lo, o povo das localidades criou edifícios quase iguais aos outros, contrariamente a outras ilhas onde o modelo de capela foi mais seguido. É como se se pretendesse apenas mais uma casa, onde Deus mora, sob a invocação do Paráclito, ao lado das outras pessoas e em vizinhança chegada. Esta, da Terra-Chã, embora semelhante às outras do grupo ocidental, apresenta elementos neogóticos, fruto de influências da emigração para os EUA e do gosto de quem a construiu e mantém.



## O açougue da Casa do Espírito Santo, Fazenda de Santa Cruz

Entre o longo tempo, de séculos, em que o cerimonial do abate era feito no meio de cortejos e festa, com os animais enfeitados a percorrer o povoado, acompanhados de música, e a proibição total, na década de 1990, houve um tempo em que algumas irmandades assumiram a construção de açougues e salas de desmanche, num esforço de manter a festa no seio da comunidade, o mais possível. Aqui, acrescente-se que a proximidade da ribeira permitia a lavagem do local e a limpeza. Hoje adaptado a cozinha, este é um bom exemplo do esforço constante das irmandades e da repetida luta entre os costumes e tradições rurais e o pensamento urbano.



## Terreno do abate, Fazenda das Lajes

Antes de ser proibido fazê-lo fora do matadouro, o abate dos animais, cuja carne é dada em esmolas e em Bodo, a celebrar o Divino, era feito segundo um cerimonial estabelecido há muito e em terrenos habitualmente usados para o efeito. Por aqui era um desses lugares, aonde eram conduzidos, acompanhados por foliões e povo, em procissão, depois de enfeitados. O abate era feito na presença da coroa, por vezes colocada sobre a parede ou sobre um dos tambores dos foliões. Terminados os trabalhos o local era limpo e arrumado, tornando o cultivo possível até ao ano seguinte, quando era chamado, de novo, a ser terra de sacrifício ritual.



## Os animais do Espírito Santo. Baía de São Pedro, Santa Cruz

Conta-se que, num certo ano, os encarregados da Festa começaram a ver o caso malparado quando se levantou temporal. Haviam comprado uns bois, como de costume, no Corvo, mas arriscavam-se a não os ter, a tempo para os desmanchar e reparit, pois levantara-se temporal. Estavam a discutir o assunto, entre eles, procurando forma de resolver o problema, quando dois animais se apresentaram junto do grupo. O povo estranhou, ainda mais porque estavam molhados e a tremer de frio. Aproximando-se deles um dos presentes passou a mão pelo lombo e verificou que a água cheirava a sal. Só encontraram como explicação que tivessem vindo a nado, da ilha vizinha, tendo entrado por local da Baía de São Pedro, a Norte de Santa Cruz.



## A Festa, em miniatura.

### Fábrica do Boqueirão, Santa Cruz

Numa ilha onde, definitivamente, a vivência do Tempo do Espírito Santo é difícil de entender fora da época própria, podemos-nos valer de uma maquete recente, enquadrada no espaço expositivo da Fábrica do Boqueirão. Toda a ambiência dos cortejos, os participantes, a organização e o envolvimento da comunidade estão ali presentes. De caminho aproveite para perceber quão próximo esta ilha vive das costas americanas do Atlântico e da importância da faina da Baleia, que até motivou temas de folclore.



## Coroa de folha de flandres, Museu de Santa Cruz

Em quase todas as ilhas é conservada esta memória das coroas de lata ou de folha de flandres. Foram as primeiras a ser usadas por muitas comunidades, até ao momento em que isso foi proibido pela Igreja, tendo em conta o material não nobre. Em alguns casos foram guardadas, piedosamente, por devotos que preferiram mantê-las, mesmo sabendo que já não eram reverenciadas. Noutros casos perderam-se. Porém, perdeu-se o objecto, mas não a memória e, agora, em museus ou noutras colecções, voltam a ver a luz do dia, recordando os primeiros tempos de culto, como é o caso desta coroa, em Santa Cruz das Flores.



## Virgem da Anunciação, Museu de Santa Cruz

Relacionada com o Espírito Santo, sem que se saiba a sua origem, existem, no museu das Flores duas pinturas, uma das quais interessa a temática do Divino Espírito Santo. Pertenceram a algum mosteiro ou convento no continente português e, no contexto do liberalismo e segundo o rol que se conhece, foram enviadas para os Açores, num total de 19. De todas se perdeu o rasto excepto destas, que chegaram às Flores, destinadas à Matriz de Santa Cruz. Peça tida como relevante para a História da Arte nos Açores, representa a Virgem Maria recebendo o Espírito Santo, sob a forma tradicional de uma pomba.

